

DEP. 1500
JOAQUIM ALBERTO IRIA J.^{or}

LICENCIADO EM CIÊNCIAS HISTÓRICAS E FILOSÓ-
FICAS PELA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA



R.130806

*Do Algarve ao Brasil no
caique de pesca "Bom Sucesso"
em 1808*

*Um episódio à margem
da Guerra Peninsular
(Excerto de uma tese)*

LISBOA

1 9 3 6

EDIÇÃO E PROPRIEDADE
DO AUTOR

Ao
Ex.^{mo} Senhor

Dr. João Martins da Silva Marques
Ilustre Professor de Paleografia e Diplomática na
Faculdade de Letras de Lisboa e Conservador do
Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

O. D. e C.

O seu antigo discípulo,

Joaquim Alberto Tria Júnior

Berço de Heroes, Algarve, inda não falthão
Em ti do mar illustres vencedores!

José AGOSTINHO DE MACEDO — *O Novo
Argonauta. Lisboa. 1809.*

O Algarve, em menos de oito dias, tinha expulso os franceses para além da serra do Caldeirão.

Organizada a defesa e tomadas as primeiras medidas de carácter político-militar, o Supremo Conselho de Regência, instalado em Faro, resolveu participar à Côrte portuguesa, refugiada em terras de Santa Cruz, o patriótico levantamento desta província contra o invasor.

Das praias de Olhão, antiga colmeia de audazes pescadores, onde primeiro se erguera o grito da independência, partem os mensageiros da boa nova.

¿ Quando? A história registou apenas o mês e o ano.

« Em Julho de 1808 — escreve Batista Lopes — se propuseram uns pescadores de Olhão, pequena povoação na costa do Algarve, a levar ao Rio de Janeiro a notícia da sublevação que ali tinha havido contra os franceses que então ocupavam o reino. Aprestou-se um pequeno cahique da pesca, da lotação de duas mil arrobas, pouco mais ou menos, em que foi por mestre Manuel Martins Garrôcho, por piloto Manuel de Oliveira Nobre » (1).

Era arrojada a emprêsa destes patriotas. Todavia nada lhes meteu medo: nem a pequenez do barco, nem a grande extensão a percorrer entre céu e mar... José

(1) Empreza arriscada, e atrevida de Diogo Botelho Pereira, in *O Panorama*, de 28 de Setembro de 1839, vol. III, n.º 126, pág. 312.

Agostinho de Macedo, que no seu poemeto «O Novo Argonauta» celebrou o feito, faz notar o seguinte:

«Todos conhecem o tamanho e a construção de hum Cahique, não é precisa muita prudência para se não arriscar nêles em huma viagem do Algarve para Lisboa em tempo de Inverno, e nessa embarcação se aventurou o grande Piloto Manuel de Oliveira Nobre a passar o Oceano, e a chegar ao Rio de Janeiro. Caso único na História Naval de todos os Povos» (2).

.....
 Talvez ignore o frígido Tamisa,
 E o Sena transformado em sangue e luto,
 Que o Atlântico mar banhe a pequena
 E mal sabida Olhão: he esta a Pátria
 Do novo Heróe, do vencedor dos mares
 Co' as frágeis armas d'hum batel pequeno;
 Cujas façanhas audazes deixa esquecidos
 De Americo, e Colombo o nome, e os feitos.

Como outrora os portuguezes na época dos descobrimentos, os nossos pescadores ouvem primeiro solememente missa no gracioso templo de Nossa Senhora do Rosário e, só depois, se despedem para a longa viagem.

.....
 O ligeiro Baixel já corta as ondas,
 Hum longo e branco sulco atrás deixando,
 Pôs no escuro Ocidente a altiva prôa.

Confiados na *Mãe Santíssima*, — assim invocam ainda a padroeira nas trabalhosas lides do mar — e entregues à perícia de Oliveira Nobre, vão fazer aguçada e prover-se de mantimentos à ilha da Madeira. Ali induziu o nauta olhanense «um jovem piloto», a

(2) Ob. cit., pág. 5.

partilhar com êle os riscos da empresa. O môço piloto, no dizer de Agostinho de Macedo, tinha já feito a carreira da Índia e asseguraria a continuação da viagem, como era desejo de Oliveira Nobre, que ao próprio poeta confessou: «...poderia adoecer, ou morrer, e neste caso conservar a existência dos que consigo levava, que como pescadores de Olhão nunca tinham perdido de vista as costas de Portugal» (3).

E de novo o pequeno caïque se engolfa no vasto oceano, para só aportar às brasilicas terras...

«Bom Sucesso» se chamava a minúscula embarcação de mestre Garrôcho, o que era já um bom augúrio para os que nela iam cobrir-se de glória e passar à posteridade. Note-se que êsse «Jovem Piloto», de que nos fala Agostinho de Macedo, veio mais tarde impugnar em público a façanha atribuída a Oliveira Nobre, de haver dado rumo ao caïque do Funchal ao Rio. Chamava-se Francisco Domingues Machado e já tinha feito uma viagem de Lisboa a Macau; «*como praticante*», a bordo da galera «Voadora» do negociante lisbonense J. Nunes de Oliveira (4).

Não lhe coube, porém, a glória absoluta de timoneiro audacioso. Contrastando com a sua pouca idade e conhecimentos de simples «praticante» da navegação para oriente, surge-nos o piloto olhanense, homem já feito e experimentado nas cousas do mar.

Diz-nos Agostinho de Macedo, que, como êste «...não era prático na carreira do Brasil, e tinha deixado em Lisboa as suas cartas Hydrográficas, dirigia-se por huma estimativa muito incerta, sendo o seu maior cuidado observar a direcção das correntes do Oceano e dirigir o rumo do Caïque conforme estas correntes» (5).

(3) *O Novo Argonauta*, pág. 13.

(4) Notícia de mais um piloto portuguez do cahique — Bom-Sucesso que levou ao Brasil a participação da restauração do Algarve, depois da invasão franceza, in *O Panorama* de 7 de Dezembro de 1839, vol III, n.º 136, pág. 392. B. N. L.

(5) Ob. cit., págs. 15-16.

Ora quem lidava com « Cartas Hydrográficas » e observava as correntes marítimas, não estaria à mercê das indicações dum jovem piloto, que apenas contava uma viagem ao oriente.

Indubitavelmente Oliveira Nobre foi o orientador da arrojada expedição, em que colaborou Francisco Domingues Machado, mas por mero acaso.

Seja como fôr, ao cabo de algum tempo de viagem, o « Bom Sucesso » depois de violentamente batido por um grande temporal, que o ia fazendo sobrar,

Então toldado o liquido Horizonte,
De acasteladas nuvens brame o vento,
Sôa o rouco trovão lança a tormenta
Sobre hum mar outro mar, sorvem-lhe as ondas
O convulso Baixel, de novo nos ares
As encruzadas ondas o vomitão:
Em horrida peleja os Elementos
Em cada vaga a sepultura mostram.

avista finalmente as costas da América do Sul: era, porém, a Caiena francesa e não ainda o desejado porto.

Encorajados pelo grande piloto, de novo se fazem ao largo, procurando a altura de Pernambuco, onde aportaram, « vindo depois com penosa viagem ao longo de quasi tôda a costa do Brasil demandar o Rio de Janeiro » (6).

Foi só aqui, que êsse punhado de bravos ousou pedir *alviçaras ao Senhor Rei...* Oliveira Nobre falou por essa gente simples e heróica, inflamado de dupla glória e patriotismo. Era já o dia 22 de Setembro de 1808. Não havia ainda três meses que do Algarve se tinham metido ao mar... (7).

(6) *O Novo Argonauta*, pág. 16.

(7) Sousa Monteiro, *História de Portugal*, Lisboa 1838. Tomo I pág. 261 B. da Ac. das C.

E do Monarcha enternecido à vista
Tão estranho espectáculo se mostra,
E o vacilante Barco as praias toca;
E desde a poppa o triunfante Nauta
Alça a voz, e annuncia a liberdade,
E da Patria o grilhão quebrado e roto.

« Todos os habitantes do Rio de Janeiro — escreve Batista Lopes — naturaes e estrangeiros, ficaram maravilhados de que em tão frágil e pequena embarcação podessem atravessar tantas mil leguas do oceano homens não só leigos nas mais triviais regras da náutica, mas que nunca se haviam afastado cem léguas da costa de Portugal. Muitos estrangeiros, e principalmente ingleses, tiraram a planta e dimensões do barco, que conservaram com aprêço » (8).

Acolhidos festivamente pela Côrte e pela hospitaleira população carioca, são êles os heróis do dia.

A sua acção havia de perdurar na memória do povo olhanense e ficaria constituindo, no dizer de Claudio de Chaby, um « louvável estímulo à prática das acções generosas e grandes, que só podem provir da coragem, do amor da Pátria e de uma consciência pura » (9).

Não admira, portanto, que Oliveira Nobre tivesse sido o mais celebrado tripulante do « Bom Sucesso » e aquele que de maior esatênções foi alvo na capital fluminense (10).

Todos foram, porém, contemplados pelo régio reconhecimento de D. João VI.

Manuel Martins Garrôcho, dono e mestre da pequena embarcação, era casado com Teresa Ma-

(8) *O Panorama* de 28 de Setembro de 1839, vol. III pág. 312.

(9) *Almanach militar ou livro dos quartéis para 1858*. Pág. 215 B. N. L.

(10) Agostinho de Macedo, *Ob. cit.*, pág. 17.

(11) Ataíde Oliveira, *Monografia do Concelho de Olhão*, pág. 285 B. N. L.

chada e morava na rua de S. José (11). Recebeu as mercês de 2.º tenente da Armada e de Guarda-Mór de Saúde, ficando a sua lancha isenta de pagar dízimo do pescado, por Decreto de 27 de Dezembro de 1808 e Alvará de 19 de Dezembro de 1811 (12). Abolido este privilégio, em 1824, (Decreto de 23 de Abril) passou mestre Garrôcho a receber a pensão anual de 100\$00 réis (13).

Como não soubesse ler e o cargo de Guarda-Mór exigisse habilitações, foi-lhe concedida licença (Decreto de 9 de Setembro de 1824) para poder nomear « pessoa hábil » que por êle desempenhasse essas funções (14).

Em 1825 o velho pescador conseguia a hereditariade desta mercê para um filho do mesmo nome (15).

Vitimado pela cólera-morbus, faleceu em 28 de Julho de 1833 e jaz sepultado à porta do Senhor Jesus dos Aflitos em Olhão (16).

Segundo Baptista Lopes, o mestre do caíque foi também agraciado com o hábito da Ordem militar de Cristo (17), o que não podemos confirmar documentalmente.

E', no entanto, também essa a informação dum jornal da época, — segundo o qual mestre Garrôcho teria ficado, não com uma mas com duas lanchas livres de direitos de pesca, — (18) mais tarde corroborada por Sousa Monteiro em 1838 (19).

Afirma ainda este último autor, mas sem especificar o nome, que « o intrépido Comandante do Caíque »

(12) Arq. Nac. da T., do T. Chancelaria D. João VI, Liv. 17, f. 305; Liv. 12, f. 239; Mercês D. João VI, Liv. 11, f. 269 V.º

(13) Arq. Nac. da T. do T., Chancelaria D. João VI, Liv. 41, f. 377; Mercês D. João VI, Liv. 20, f. 197 V.º

(14) Arq. Nac. da T. do T., Ministério do Reino, Casa da Rainha, Maço 388, Liv. 7, f. 196.

(15) Arq. Nac. da T. do T., Ibidem, Liv. 7, f. 216.

(16) Ataíde Oliveira, Ob. cit. pág. 286.

(17) Cf. *O Panorama* vol. III pág. 312 e *Corografia do Algarve* pág. 16, B. da Ac. das C.

(18) *Telégrafo Portuguez*, 1809 n.º 38 B, N. L.

(19) *História de Portugal*, pág. 261.

recebeu o pôsto de 1.º Tenente de marinha e que D. João VI « comprou liberalmente esta embarcação para servir de monumento histórico dum tamanho e audacioso feito marítimo, e deixou tôda a tripulação satisfeita de suas liberalidades » (20).

Em 1839, Batista Lopes, que dá Garrôcho como 1.º tenente de marinha, com a tença de 200\$000 réis, escreveu a este respeito o seguinte: « O caíque esteve algum tempo conservado para memória na ilha das cobras, depois foi empregado no serviço do arsenal » (21).

Mas em 1841, já melhor informado, acrescenta que aos tripulantes do « Bom Sucesso » lhes foi oferecido « ...um iate para voltarem ao reino » e que o caíque « ...ainda hoje ali é examinado com maravilha por nacionais e estrangeiros » (22).

Em 1906 Ataíde Oliveira veio, porém, confirmar a compra da célebre embarcação, feita pelo monarca.

Diz o autor: « A um nosso amigo, que muito nos auxiliou nestes apontamentos biográficos, informou uma neta daquele valente e arrojado marítimo que sua mãe recebia ainda uma pensão; e pelo título da pensão se vê que o Caíque ficára efectivamente no Rio de Janeiro ».

E acrescenta o mesmo: « diz-se que o referido Garrôcho recebera do Príncipe Regente seis mil cruzados pelo caíque que ficára no Brasil » (23).

Quem representa hoje a família do arrojado Martins Garrôcho? Há trinta anos, ainda viviam em Olhão umas senhoras conhecidas pelas Salvadas, que dêle descendiam em linha recta. Hoje (1936) é a família do nosso infeliz e já falecido amigo Dr. Manuel Ventura, quem representa o velho lôbo do mar, do qual conserva como reliquia um lindo espadim, oferecido ao seu heróico antepassado por D. João VI.

Em Setembro de 1931, por ocasião das chamadas

(20) *História de Portugal*, pág. 281.

(21) *O Panorama*, vol. III, pág. 312.

(22) *Corografia do Algarve*, pág. 16.

(23) *Monografia do Concelho de Olhão*, pág. 285.

